

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2019

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Francesco Fioretti, 2018 – Publicado em Itália por Piemme.
Edição portuguesa publicada por acordo com Walkabout Literary Agency.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

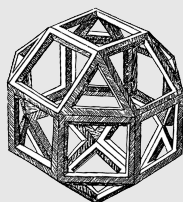
Título original: *La Biblioteca Segreta Di Leonardo*
Autor: Francesco Fioretti
Tradução: Marta Pinho/Lufada de Letras
Revisão: António Costa Brás/Editorial Presença
Paginação: Gráfica 99, Lda.
Capa: Vera Braga/Marcador Editora
Imagens da capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 452 085/19

1.ª edição, Lisboa, março, 2019

*À memória do meu pai,
matemático de muita filosofia.
Porque tudo regressa.*

Antes de iniciar



Leonardo da Vinci desenha-o assim para o livro sobre a *De divina proportione* de Luca Pacioli, «obra necessária a todos os engenhos perspicazes e curiosos», impressa em Veneza em 1509: os dois, por devoção ao helenismo, chamam-no *eicosiexaedron*, que significa «de 26 faces», nós rombicuboctaedro, sólido de Arquimedes de propriedades admiráveis.

As 26 faces são 18 quadrados e oito triângulos equiláteros, as três secções medianas, em comprimento, largura e altura, são octogonais. O oito e o octógono, é sabido, são símbolos de eternidade, de ressurreição ou de nova criação, renascimento dos tempos. São octogonais fontes batismais e batistérios, que escancaram as portas para a vida eterna, uma fortaleza de Frederico II na Puglia, zimbórios vários e capelas ducais do Renascimento, bem como todas as igrejas imperiais, San Vitale de Ravenna e a Capela Palatina de Aachen, mas também a grande Mesquita de Omar, em Jerusalém, e certos *yantras* antigos da tradição hindu.

Um misterioso rombicuboctaedro de cristal pende nas costas do frade matemático no *Retrato de Luca Pacioli* hoje conservado no museu de Capodimonte, em Nápoles, após ter estado durante séculos no Palácio Ducal de Urbino. Dos inúmeros enigmas contidos naquele célebre e discutido quadro de 1495 se narrará, entre outras coisas, nas páginas que se seguem. Pelo contrário,

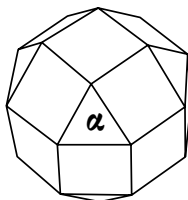
de modo algum se falará de uma arquitetura em forma de rombicuboctaedro de recente construção em Minsk, senão para dizer, *en passant*, e como testemunho da misteriosa persistência de certos vícios humanos, que alberga, escusado será dizer, a Biblioteca Nacional bielorrussa.

No décimo sexto capítulo deste livro deparar-se-á com uma espécie de *rombicubo* de Rubik. Para os leitores que gostariam de tomar parte ativa na abertura da passagem secreta à qual preside a engenhoca, está disponível na loja Play da Google a aplicação *eicosiexaedron* de Davide Anniballi. Mas é aconselhável resolver primeiro os enigmas do *Retrato de Luca Pacioli* para aceder ao seu código cifrado.

A *De divina proportione*, assim definida pelo mesmo matemático franciscano na sua obra destinada aos espíritos perspicazes e curiosos, é aquela a que hoje chamamos *secção áurea*, e à qual os matemáticos da época chamavam habitualmente «a proporção que tem um meio e dois extremos». Muitos dizem-se convencidos das suas propriedades mágicas, até nos dias de hoje. Que esteja na base de misteriosos processos criativos da mãe natureza não existe qualquer dúvida.

Só lhe resta embrenhar-se nesta história, que tem como protagonistas, além do *eicosiexaedron*, dois extraordinários pioneiros da modernidade. Os factos verdadeiros que narra este romance são muitos, os inventados provavelmente outros tantos, embora já não seja possível, ai de mim, demonstrar a sua falsidade. É a inversão do ónus da prova no qual se baseia – o leitor sabe-o bem – a literatura de todos os tempos.

Prólogo



*A quinta-essência, espírito dos elementos,
vendo-se aprisionada pela alma do corpo humano,
deseja sempre regressar ao seu mandatário.*

*E vós, sabeis que este desejo
existe na quinta-essência companheira.*

E o homem é modelo do mundo.

Aprende a multiplicação das raízes com o mestre Luca.

(dos apontamentos de Leonardo da Vinci)

TUDO MAIS TARDE OU MAIS CEDO RETORNA AO PRIMEIRO CAOS.
COMO UMA ESCRITA INVERTE A VIDA,
QUE SE LÊ SÒ AO ESPELHO.
UMA FORÇA SE AGITA NAS COISAS TODAS,
QUE CORRE COM FÚRIA PARA A PRÓPRIA DISSOLUÇÃO.
O ESPÍRITU MUNDI DESEJA SEMPRE
REGRESSAR AO SEU PRINCÍPIO...

E era assim que acontecia também em Sforzinda, a cidade perfeita desenhada por Filarete, em estrela de oito torres, inscrita no círculo e no octógono, com os seus bastiões, e os muros possantes. Que estava agora seriamente ameaçada pelas forças obscuras e agressivas do Esquecimento, do Primeiro Caos, da Desmentegansa, como se diz por aqui. Mas não ficara ninguém a resistir, a vender, como nós, cara a pele. Apenas Salai e eu, um frade, uma duquesa sem ducado, mais ninguém, barricados cá dentro. Felizmente, tudo estava bem predisposto. O inimigo chegaria de todas as direções, de todas as partes apontaria contra os muros as suas bocas de fogo aterradoras...

Vivemos um tempo fêrvido e agora vieram reclamá-lo. Roubámos o fogo aos deuses, pela segunda vez: era o destino que os olímpios nos punissem. Fomos os primeiros a acordar da letargia milenar. E ei-los agora: vêm para roubar-nos o nosso sonho eterno. Estão a chegar, eu compreendo-os: pobres iludidos! Porque sonhos tínhamos

nós para dar e vender, já agora. E talvez alguém os poderá até copiar, mas roubar ninguém, nunca. Os sonhos podem ser contagiosos, como as pandemias, mas não se roubam: na pior das hipóteses, como se diz aqui, esquecem-se. Montámos ao longo de toda a muralha as traves de repelir, enchendo de abrolhos o terreno à volta do fosso. Tudo estava pronto. As catapultas, as bombardas, as espingardas, os canhões, os escorpiões, as serpentinas. Dos revelins, das trincheiras de comunicação sobre a grinalda dos muros perscrutávamos absortos o horizonte. Até que, de repente, o dia chegou. O cinzentume que se erguia sobre a remota planura não era neblina, desta vez, mas o pó dos seus cavalos.

Olhei os meus amigos nos olhos e neles li o meu temor. Imaginar a própria morte nunca é fácil, ainda que se pense nela como um retorno. Ainda que se saiba que a Força que nos anima a ela aspira como ao próprio porto. Amámos a vida e a beleza, sentíamo-nos os herdeiros autênticos dos gregos antigos cujos livros redescobríamos. Agora também outros reivindicavam o seu direito a sonhar o mesmo sonho. No bem, como no mal, nós somos a terra dos atravessamentos. As ideias e os exércitos, os livros e os reis, as palavras e os povos: nesta terra tudo está de passagem, e nós não somos senão interseção e cruzamento. Devemos manter os olhos abertos, sempre, e a mente bem desperta, se deste vórtice caótico de correntes quisermos extrair a enèrgheia para levantar voo outra vez.

Eu tinha meios de bombardas comodíssimas e fáceis de transportar, e com elas desencadear uma miudinha tempestade, instrumentos afiadíssimos para ofender e defender, trabucos, manganos e outras máquinas de admirável eficácia. A Sforzinda cercaram-na toda no espaço de poucas horas, a uma distância de segurança, fora de tiro. Depois aproximaram as suas bocas de fogo e começaram a bombardear os muros, para ensaiar os pontos de menor resistência. Dos torreões respondemos com os canhões em forma de leque de minha invenção, a metralhadora que dispara bolas com uma abertura de 60 graus em todas as direções, as bolas de metal que se abrem em

voo e disseminam por toda a parte uma saraiuada de projéteis minúsculos... uma arma devastadora.

Ao fim de dois dias a canhões e catapultas, tentaram o primeiro assalto, com aríetes e escadas. Já perto dos nossos muros, os abrolhos que haviam espalhado por toda a parte, penetrando nas solas, feriram os seus pés. As suas segundas filas conseguiram aproximar-se mais, e então alagámos os fossos, deixando atoladas as suas máquinas de cerco. Debaixo do nosso fogo, encheram de terra os canais, operação que durou mais dois dias. Aqueles que ao terceiro dia conseguiram chegar aos muros apoiaram as escadas nos parapeitos, sem se aperceberem das traves escondidas na reentrância sob as ameias. As traves, mediante tábuas que as ligavam através de furos a uma alavanca no interior dos muros, serviam para empurrar as escadas e a fazê-las cair para trás.

O primeiro assalto fora repellido.

Então, os inimigos passaram a concentrar os bombardeamentos no lado ocidental dos muros, onde a parede parecia prestes a ceder. Conseguiram rompê-la em mais um par de dias de canhonadas e abrir uma brecha, ignorantes da armadilha. Lançaram-se ao ataque, de novo, numa massa desordenada e furiosa. E viram sair da brecha, e disparar canhonadas, os carros armados com rodas, montados sobre máquinas automoventes carregadas a molas, que giravam sobre si mesmas e disparavam automaticamente, até se esgotarem as cargas. Logo atrás partiram os carros falcados, puxados por cavalos sem cavaleiros, com o mecanismo que fazia rodar as enormes foices à altura das barrigas das pernas dos inimigos, ceifando pernas, desfazendo em pedaços os corpos dos caídos.

Grandes eram os gritos de dor, terrível a chacina. As forças obscuras continuavam a recuar para lá das suas linhas defensivas, deixando no campo mortos às dezenas e feridos com as pernas esmagadas, cuja lenta agonia até para nós era um suplício ouvir. Mas a brecha já estava aberta e não podíamos resistir

muito mais tempo. Chamei Salai, chamei o frade e a duquesa sem ducado, disse-lhes que se preparassem conforme os planos, que vestissem roupas quentes e que se encontrassem comigo o mais rapidamente possível no topo do campanário de São Gotardo, onde estavam prontas as nossas máquinas de fuga. Estávamos já ali os quatro, quando ouvimos as trombetas e os gritos do último assalto. Sforzinda estava perdida, mas nós já estávamos a enfiar o nosso corpo nos anéis da máquina, as mãos sobre a haste, os pés nos estribos.

Vivemos um tempo férvido, mas chegou a hora de abandonar o campo.

Partimos com a honra das armas, com o olhar posto no céu, sem arrependimentos. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, mantivemo-nos no nosso lugar até ao fim, embora sabendo que tudo estava perdido. Tomaram Sforzinda, mas não nos tomaram a nós. Lançamo-nos no vazio com as enormes asas de tecido encerado abertas e quietas, e planámos sobre as cabeças dos agressores, víamo-los minúsculos lá em baixo, todos a olhar para cima, estupefactos. O vento sustentava-nos e começámos a empurrar com as mãos, com os pés e com a testa as várias alavancas para bater as asas com mais força e recuperar altitude, pois começávamos a descer. Como ficaram eles ao perceberem que fôramos quatro a dividir as suas fileiras. Quanta inveja impotente, quando nos viram voar sobre os telhados, desaparecer entre as nuvens...

Ninguém pode escapar à desmentegansa, mas nós resistiremos o mais possível.

A dado momento, contudo, vimos a duquesa sem ducado virar para sul.

– Onde ides, minha senhora... – gritei-lhe eu. – Voltai para trás!

Vi-a desaparecer em direção ao sol do meio-dia e percebi. Para ela não tinha qualquer importância opor-se às forças obscuras até para lá da fronteira da vida. Para ela, onde quer que fosse, o importante era procurar um ducado qualquer do qual ser duquesa...

Depois, estremeçando, vi Salai aproximar-se demasiado do sol, a cera impermeabilizante das suas asas derreter, as asas possantes dilacerarem-se, ele precipitar-se.

– Salai – chamei com quanta voz tinha na garganta.

– Salai!

– Mestre...

– Hum?

– Mestre...

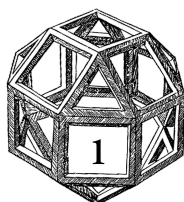
– O que foi?

– Estava a chamar por mim no sono...

PRIMEIRA PARTE

*Giulian da Marlian médico tem um caseiro sem mão
Magnífica senhora Cecilia, amantíssima minha diva*

(dos apontamentos de Leonardo da Vinci)



Milão, Corte Vecchia, 7 de fevereiro de 1496

O rapaz entrou ofegante e de rosto pálido, naquele seu habitual ar descontraído e rebelde, cruz e delícia do seu mestre. Leonardo observou-o com atenção, fingindo que nada se passava e continuando a conversar com Fazio Cardano, que fora visitá-lo à sua oficina da Corte Vecchia, ao lado da catedral. Fazio Cardano, desdentado e muito feio, tinha o seu costumeiro fato vermelho, e estava a pôr a capa preta. Vestia-se sempre do mesmo modo: era uma personagem singular. Em Milão ninguém sabia se era médico ou jurisconsulto, mas certo era que se ocupava de alquimia e de ciências ocultas. Passara há pouco os 50 anos, por vezes falava sozinho, com o seu génio familiar, dizia ele. Sabia imensas coisas, mas era a confusão em pessoa, misturava ciência e superstição, astrologia e anatomia, álgebra e mitologia egípcia, num saber desordenado e desprovido de método, no qual os demónios e os teoremas de Euclides eram objeto da mesma não muito bem definida matéria de estudo. Mas possuía livros valiosos, e Leonardo há muito tempo que fazia a corte à perspectiva de Al-Kindi, que Fazio se gabava de possuir, mas que nunca lhe mostrara. E gostaria de aprender as matemáticas de que *ser* Fazio se dizia especialista, mas evitava sempre as suas perguntas: como se enquadra um triângulo, e porque é impossível enquadrar um círculo?

– Aqui estão eles, os cento e dezanove soldos. Conte-os também, por segurança.

Desta vez, pelo menos, *ser* Fazio apresentara-se com uma cópia nova e não cortada da *Summa* de Luca Pacioli. Tê-la-ia dado por 130 soldos, uma quantia bastante consistente, mais do dobro do que lhe custara a Bíblia em língua vulgar que deveria servir-lhe para a *Última Ceia* de Santa Maria delle Grazie. O livro do franciscano de Sansepolcro era, contudo, precisamente aquilo de que Leonardo necessitava. Ali estava tudo. Era de facto a soma de todo o saber matemático do seu tempo: da álgebra à partida dobrada, da arquitetura à perspectiva, da geometria euclidiana à matemática financeira... Ali estava mesmo tudo. Após uma longa negociação, haviam descido até 119 soldos, e agora Cardano, após guardar o dinheiro num saquinho de pele, decidira-se finalmente a ir embora. A *Summa*, bem encadernada, estava ali, em cima da mesa no meio daquela grande divisão.

Pelo canto do olho, Leonardo seguia preocupado os movimentos de Gian Giacomo, o seu aprendiz de 15 anos, a quem, contudo, chamava Salaì, nome de um diabo do *Morgante* de Pulci. Notara que o rapaz voltara com um cartucho sujo e um tanto húmido na mão, que depositara sobre a mesa junto ao livro de Luca Pacioli. Depois fora-se sentar no banco atrás de si, e tornara-se impossível continuar a espia-lo disfarçadamente.

– Até breve, mestre Leonardo! – despediu-se Cardano.

O artista acompanhou-o à porta, no piso térreo:

– Até breve.

Depois voltou ao piso de cima. Salaì continuava ali, encolhido no banco, de rosto pálido como se, pelo caminho, tivesse encontrado Belzebu em pessoa. Tremia, até. Leonardo correu para o cartucho ensanguentado depositado sobre a mesa pelo seu assistente. Abriu-o, viu o que estava lá dentro e deu um salto para trás, enojado. Uma mão humana, cortada com um golpe preciso à altura do pulso. E o sangue era fresco.